

# Reflexões sobre a constituição da Administração como ciência à luz das contribuições de Michel Pêcheux

**Betina Magalhães Bitencourt**

**Sidinei Rocha de Oliveira**

## INTRODUÇÃO

Na era moderna o conhecimento científico produzido em diferentes campos de estudo afirma a pretensão de construção de verdades, de permitir ao homem entender as “regras” que indicam o funcionamento das “coisas do mundo”. Nas ciências naturais, por exemplo, a presença de leis que possibilitam acompanhar e prever a ocorrência dos fenômenos contribuiu para a formação de um senso científico, onde modelar, mensurar e quantificar constituem os elementos



centrais do pensar. Por conseguinte, a transmissão desta forma de pensar para as ciências sociais leva os pesquisadores a buscar constantemente modelos que permitam a compreensão da sociedade e das organizações e que consigam prever a ação dos indivíduos.

No campo da Administração ainda predomina uma concepção de ação administrativa assentada na racionalidade funcional e na lógica do mercado (Guerreiro Ramos, 1983; 1996), ocasionando a produção de um saber pautado no utilitarismo e na construção de uma verdade que tende a aprofundar esta lógica. Para Guerreiro Ramos (1983, p. 11), a subordinação da teoria administrativa aos pressupostos da sociedade de mercado agrava a situação de problemas sociais, fruto da incapacidade do “homo organizacional” de repensar a influência desfiguradora dessa lógica na vida humana e na ecologia, fato que “está dificultando a atualização de possíveis novos sistemas sociais necessários à superação de dilemas básicos de nossa sociedade”. A questão relativa ao posicionamento ético do pesquisador nessa área de estudo, posto que seu compromisso, nos termos de Guerreiro, é pensar a atuação do administrador no seu papel de agente ativo de mudanças sociais, requer uma discussão mais aprofundada, sendo isto válido para trabalhos que explorem novos caminhos para a construção científica no campo de estudos referido.

O ponto de partida desta reflexão consiste, em essência, questionar essa verdade universalizante sobre a qual, desde então, tem se fundado a ciência. A partir de Pêcheux (1995; 2011a; 2011b), sobretudo a análise e reflexão deste acerca da situação teórica das ciências sociais e sua relação com as formações ideológicas, este ensaio busca refletir sobre do início dos estudos em Administração como área de conhecimento e de suas principais bases “teóricas”, além do cenário que permitiu o seu desenvolvimento.

A proposta apresentada já foi explorada em parte por outros autores (Guerreiro Ramos, 1983; Tragtenberg, 1971; Motta, 1986; Flores, 2006). Aqui, diferentemente destes autores, o texto apoia-se na obra de Pêcheux e destaca como argumento central que o discurso científico construído no campo da ciência Administração é uma ideologia de ideias que se utilizou de obras clássicas de outras áreas de conhecimento, bem como elegeu os trabalhos de Taylor, Fayol e Mayo como base da construção do conhecimento da área para criar uma “consciência” de gestão direcionada para alcançar os propósitos do capitalismo.

Assim, este estudo se estrutura em três seções. A primeira busca explorar o conceito de ideologia presente na obra de Pêcheux e como o autor a vincula a construção do conhecimento científico. A segunda analisa a constituição do campo da Administração como área de conhecimento e, finalmente, nas considerações

finalis busca-se traçar algumas reflexões com vistas a instigar os pesquisadores da área de Administração quando se lançam nas suas pesquisas.

## A IDEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: CONTRIBUIÇÕES DE PÊCHEUX

O conceito de ideologia apresenta diferentes entendimentos pelas possibilidades materiais e teóricas como se apresenta. Aqui, seguimos a ideia de Zizek (1999) que compreende a ideologia em três eixos:

a ideologia como um complexo de ideais (teorias, convicções, crenças, métodos de organização; a ideologia em seu aspecto externo, ou seja, a materialidade da ideologia, os Aparelhos Ideológicos do Estado; e, por fim, o campo mais fugidio, a ideologia “espontânea” que atua no cerne da própria “realidade” social (Zizek, 1999, p. 15).

A obra de Pêcheux é herdeira do pensamento marxista tendo como Althusser, sobretudo o conceito de Aparelhos Ideológicos do Estado, local em que se situam as lutas de classe (Silva, 2009). Em sua obra, o autor busca explorar a relação entre os discursos e condições de produção, fazendo uma ligação entre a ideologia como complexo de ideias e a ideologia que se materializa no cotidiano. Entre seus textos de reflexão inicial, merece destaque “Reflexões sobre a situação teórica

das ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social”, no qual Pêcheux analisa a ciência como um das bases da produção e reprodução da ideologia, como destaca o autor:

A proposição geral sobre a qual nos apoiamos é que toda ciência – qualquer que seja seu nível atual de desenvolvimento e seu lugar na estrutura teórica – é produzida por um trabalho de mutação conceitual no interior de um campo conceptual ideológico em relação ao qual ela toma uma distância que lhe dá, num só movimento, o conhecimento das errâncias anteriores e a garantia de sua própria cientificidade. Nesse sentido, toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual ela se destaca (Pêcheux, 1995, p. 63-64).

Como evidencia o autor, toda ciência é ideológica, representando o estágio de discussão das práticas ideológicas de seu campo em determinado tempo e espaço. Essa transformação do objeto da ciência ocorre em dois momentos. O primeiro se dá pela palavra, pelas formas permitidas e não permitidas de expressar o conhecimento do campo. Este momento se dá pela discussão teórica-conceitual com vistas a se afastar e diferenciar-se do discurso comum, naturalizado. Já o segundo ocorre “pela reprodução metódica” do seu objeto, mostrando empiricamente os fenômenos que a ciência se propôs a testar e confirmar, ou seja, dar visibilidade e maior visibilidade para o conceito teoricamente

construído. Essa articulação faz um caminho da prática à teoria, permitindo a construção de um discurso próprio, que ao retornar ao campo empírico já se apresenta de modo diferente, embora possa estar envolvido na mesma formação ideológica (Pêcheux, 2011b).

Ao analisar as ciências sociais, com destaque a psicologia social, Pêcheux (2011b, p. 24) aponta que estas estão “em vias de desenvolvimento” devendo ser analisada como ocorre a prática científica. Assim o autor parte do conceito de prática, que considera “todo processo de transformação de uma matéria-prima dada em um produto determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando meios de produção determinados”. A seguir, propõe uma diversidade de práticas (sintetizadas no Quadro I, abaixo) que permitiriam compreender como a articulação da ideologia ocorre na prática científica:

Quadro 1: Práticas que permitem compreender a articulação da ideologia na prática científica

Prática	Definição
Técnica	Transformação de matérias-primas extraídas da natureza – ou produzidas por uma técnica preliminar – em produtos técnicos, por meio de instrumentos de produção determinados
Política	Transformação de relações sociais dadas em novas relações sociais produzidas por meio de instrumentos políticos
Ideológica	Transformação de uma “consciência” dada em uma nova “consciência” produzida por meio de uma reflexão da consciência sobre si própria

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA  
À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL PECHEUX

Teórica	Transformação de um produto ideológico em conhecimento teórico, por meio de um trabalho conceitual determinado. O desligamento da teoria em relação à ideologia constitui o "corte epistemológico"
Social	O conjunto complexo de práticas indeterminadas, no interior de um todo social dado. A prática social de uma sociedade admite como fator dominante seu modo de produção
Empírica	Vida concreta dos homens (Althusser), a relação concreta entre a prática técnica e a prática política em uma sociedade

Fonte: Adaptado de Pêcheux (2011b).

Para Pêcheux (2011b) a prática empírica e a ideológica estão interligadas, não havendo ruptura entre elas por não haver diferença no conhecimento produzido. Já entre a prática ideológica e a teórica há ruptura na medida em que se constrói conhecimento científico. No caso das ciências sociais esta ruptura ocorreu no momento em que se afastaram da Filosofia, deixando de se pautar por uma base de reflexão aplicada e dando espaço para a experimentação, quantificação e busca por construção de modelos como forma de construção do conhecimento científico. Desta forma, as ciências sociais, e aqui destacamos a Administração neste campo, deixaram de orientar-se pela reflexão sobre a subjetividade jurídica, moral, religiosa e artística e partiram para a busca de construção de verdades por meio da técnica objetiva das ciências naturais. Mais adiante, ao analisar a formação dos conteúdos ideológicos, o autor afirma que:

Os conteúdos ideológicos existem em continuidade com as práticas técnica e política, o segredo que cerca a ideologia tem, então, alguma



coisa a ver com as próprias práticas, em seu desenvolvimento próprio e em suas relações recíprocas (Pêcheux, 2011b, p. 29).

As práticas técnicas apresentam questões e respostas que surgem das práticas sociais. A prática política tem como matéria-prima para a transformação as relações sociais e o instrumento utilizado é o discurso: “como sistema articulado que remete à prática social complexa. A prática política tem por função transformar as relações sociais reformulando a demanda social por meio de um discurso” (Pêcheux, 2011b, p. 35).

Como se observa, para Pêcheux (2011b) as ideologias presentes na construção científicas não se estabelecem estritamente no campo teórico, mas nas práticas que por sua vez estão relacionadas com as relações sociais. Estas condições que marcam tanto o espaço social quanto o científico podem se alterar no tempo e espaço, pois são marcadas pelas contradições decorrentes das relações de produção.

Ainda sobre a relação das ciências sociais e a ideologia, Pêcheux (1995) destaca:

Assim se constituiu pouco a pouco um arsenal teórico-prático de meios técnico-políticos com a finalidade de responder a uma “demanda” que emanava da formação social existente, visando a lhe adaptar-readaptar as



REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA  
À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL PECHEUX

relações sociais reais. O conjunto desses meios teóricos e práticos constitui, em seu conjunto, uma "matéria prima" ideológica que pode e deve ser teoricamente transformada. Este último ponto é fundamental. Com efeito, se toda ciência é ciência de uma ideologia, a "ciência das ideologias" não pode escapar a esta lei. Ela não tem então por objeto primeiro uma realidade que seria a ideologia sob suas diversas formas "naturais", mas uma teoria ideológica da ideologia. As "ciências sociais", em seu estado atual, produzem globalmente esta teoria, e é esta sua maior "utilidade" teórica (Pêcheux, 1995, p. 67).

Assim, na compreensão do papel que as ciências sociais pretendem desempenhar no conjunto da prática social os sujeitos se encontram como elementos centrais ao mesmo tempo vivendo a prática social e contribuindo coletivamente para sua transformação. Assim, as ciências sociais não representam nem puramente técnica nem ideologia, "mas da inter-determinação de uma técnica e de uma ideologia concernente às relações sociais (objeto da prática política)" (Pêcheux, 2011b, p. 41). Assim, as ciências sociais são uma técnica aplicada à ideologia das relações sociais, tendo por objetivo responder a uma demanda social.

(...) a "realidade" que uma ciência se dá a transformar, a "matéria-prima" de sua prática, não é o real tal como assinalado, realizado, pela ideologia, mas a própria ideologia, a unidade paradoxal do discurso fragmentado. Toda prática científica desenvolve-se então sobre uma linha teórica

própria, à distância do real ao qual a ideologia “trabalhada” acreditava ter com que se haver: a prática científica goza assim de propriedades singulares, que marcam sua diferença (Pêcheux, 2011b, p. 45-46).

Essa liberdade dada a uma ciência nascente o autor chama de “aventura teórica”. Enquanto uma ciência não enuncia seu objeto ela não fará sua reprodução, mas uma vez que este seja enunciado, ela precisa confrontar seu discurso com o próprio objeto para mostrar sua importância e sua razão de existir. Segundo Pêcheux (2011b), os instrumentos (nem sempre científicos) são apropriados quando um dispositivo experimental é importado de um ramo da ciência para outro, sendo encontrados pelas ciências sob sua forma técnica e reinventados sob sua forma científica. Assim, devido a abundante presença tecnopolítica das ciências sociais, o autor indica o vazio teórico no qual uma ciência das ideologias seria relevante.

Como se observa, para Pêcheux (2011b) as ciências sociais abandonaram a reflexão sobre a ideologia de sua prática, apresentando um caminho perigoso em que buscam se formar como um campo científico que vai responder às demandas do social assumindo um distanciamento e a possibilidade de construção de verdades. No entanto, sendo a ciência também uma prática social, marcada por práticas técnicas e políticas é também uma reprodutora da ideologia por meio do



discurso. Este discurso é construído por meio deste distanciamento do campo empírico e da reflexão teórica, que, embora apresente a construção de conhecimento, permanece sendo ideológica. Como auxílio das leituras de Pêcheux (1995; 2011a; 2011b) sobre ideologia e as ciências sociais, na próxima seção apresenta-se algumas reflexões sobre a influência da ideologia na concepção das correntes teóricas que marcaram o surgimento da Administração como área de conhecimento.

## A FORMAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA

Esta seção centra-se na ideia de que a Administração é uma ciência<sup>1</sup> genuinamente ideológica desde a sua concepção, ainda que muitos profissionais e acadêmicos da área ignorem ou não reconheçam tal pressuposto. A Administração é uma prática teórica, conceito este elaborado por Pêcheux (2011a), pois esta se configura como um produto ideológico transformado em conhecimento teórico, por meio de um trabalho conceitual determinado. A principal base para este argumento é o contexto em que surge e torna propício o desenvolvimento da Administração: o sistema capitalista.

---

<sup>1</sup> No sentido de campo do conhecimento.

Um sistema econômico produz e se reproduz através das organizações. Estas são conjuntos práticos voltados para a produção e para a reprodução de determinadas relações sociais necessárias à manutenção e expansão do sistema econômico vigente (Motta, 1984). Essa constituição se dá pelos preceitos que balizam a ideologia da Administração, entendida como um reflexo das relações do capitalismo de mercado (Bicalho & Paes de Paula, 2012).

Por capitalismo, entende-se “a exigência de acumulação ilimitada de capital por meios formalmente pacíficos” (Boltanski & Chiapello, 2009, p. 35), assim, busca-se repor constantemente os investimentos no circuito econômico para obter lucro, com o objetivo de aumentar o capital, que será reinvestido, criando um ciclo que se repete continuamente. Essa dinâmica cria uma inquietação e dá aos capitalistas um forte motivo para continuar, de maneira permanente, o processo de acumulação.

Pode-se dizer que as origens do sistema capitalista, pelo menos na forma como vemos mais atualmente, está na Revolução Industrial, ocorrida em meados do século XVIII no Reino Unido. Neste período, encontram-se as primeiras construções ideológicas sob a forma de teorias sociais, em relação às condições institucionais da sociedade industrial global. Pensadores, como H. Saint-Simon (1760-1825), R. Owen (1771-1858) e C. Fourier (1772-1837) marcaram este período com a elaboração de modelos macrosociais e, juntamente com P. J. Proudhon (1809-

1865) e K. Marx (1818-1883), são considerados os precursores também das teorias organizacionais (Tragtenberg, 1971; Motta, 1986).

Estes autores, cada um à sua maneira, contestavam a ordem imposta pelo sistema capitalista. Saint-Simon, entretanto, confiava na capacidade industrial de administrar e assim solucionar os problemas sociais; para ele todos os povos deveriam passar do regime governamental, feudal e militar para o regime administrativo, industrial e pacífico (Tragtenberg, 1980). Fourier e Owen apontavam alguns problemas na sociedade, tais como as consequências da exploração dos trabalhadores por parte dos industriais. Porém, apesar de críticos quanto à sociedade, não chegaram a questionar realmente a existência do mercado e o modo de produção capitalista (Flores, 2006).

Proudhon e Marx questionaram o mercado como base econômica da sociedade, vendo o sistema capitalista como uma ordem de exploração e dominação, por meio da divisão do trabalho. Proudhon defendia ideais libertários, por meio de coletivos autogestionários, autônomos perante o Estado, enquanto Marx defendia a tomada do poder pela classe operária (Flores, 2006).

A resposta à Revolução Industrial na Inglaterra, França e Alemanha será fornecida pelos teóricos Saint-Simon, Proudhon, Fourier e Marx, que



contestarão a nova ordem das coisas num nível global, ou seja, na procura de um modelo de sociedade global que seja a negação daquela que emergiu com a Revolução Industrial (Tragtenberg, 1980, p. 62).

Na Segunda Revolução Industrial (fim do século XIX), marcada principalmente pela introdução da eletricidade, surgiram os conglomerados empresariais e os Estados Unidos despontam como potência mundial. A partir de então, ocorre uma mutação das teorias globais, para as teorias micro-industriais, como a Teoria Clássica da Administração, sobretudo pelos estudos de F. Taylor (1856-1915) e H. Fayol (1841-1925) (Tragtenberg, 1971; 1980).

O contexto do surgimento da Administração como “ciência” se dá neste período, com o aumento da dimensão das empresas, ao introduzir a separação das funções de direção e execução. Assim, da mesma maneira que a produção em massa exigia um número crescente de trabalhadores na produção, exigiu também um número considerável de administradores, para planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar as operações (Motta, 1986); ou seja, a partir do momento em que a necessidade era de controle e aumento da produção, não por acaso surgiram métodos para satisfazer essas exigências (Flores, 2006).

Taylor se destacou com a publicação dos “Princípios da Administração Científica”, um conjunto de princípios com o objetivo de aumentar a produtividade operacional, que se tornou a base da Teoria Geral da Administração. Considerado como o primeiro “cientista da Administração”, baseou-se na aplicação de “métodos científicos”, buscando a máxima eficiência, por meio da observação e mensuração (cálculo de tempos e movimentos) e de incentivos econômicos. Para Taylor, os trabalhadores eram preguiçosos, com baixo nível de compreensão e, portanto, eram os responsáveis pela baixa produtividade. Por isso, considerou a importância do alinhamento dos objetivos individuais com os organizacionais, defendendo a lucratividade máxima, custos mínimos de produção e redução dos tempos na produção. Segundo o autor, os trabalhadores reagiam porque queriam receber os estímulos financeiros imediatos (Taylor, 1995).

O primeiro elemento da Administração Científica se refere ao desenvolvimento de estudos para ocupação do cargo, o segundo se refere à necessidade de excelência na seleção de pessoal, o terceiro é a escolha dos melhores e dispensa dos piores, e o quarto preconiza uma divisão de responsabilidades. Dentre estes elementos, destacam-se a cuidadosa seleção do trabalhador, a orientação minuciosa da tarefa e a instrução de execução. O autor defende que “há uma ciência de carregar lingotes de ferro”, ou seja, essa ciência consiste na análise minuciosa das variáveis envolvidas com a produtividade: fadiga do trabalhador,

força do trabalhador, adequada seleção de pessoal etc. (Taylor, 1995). Taylor defende a colocação da pessoa certa no lugar certo, ideia até hoje utilizada em larga escala nas organizações.

Ao analisar os princípios da Administração Científica de Taylor (1995), pressupõe-se que estes elementos nada mais são do que apropriações de instrumentos (não necessariamente científicos), meramente importados de um ramo da ciência para outro. Assim como Pêcheux (2011b) critica na formação do campo da Psicologia Social, que houve importação de conhecimento de outras ciências, na Administração ocorre algo similar. Os princípios científicos propostos por Taylor (1995) seguem a noção de ciência da área de exatas, buscando prever e determinar como será o comportamento humano e definir meios para controlá-lo e aumentar a eficiência produtiva da fábrica. O estudo dos tempos e movimentos de Taylor busca a previsão das ações, tal como os experimentos feitos no campo da física e da química. Segundo Pêcheux (2011b, p. 50) “os instrumentos são encontrados pelas ciências, sob sua forma técnica, e elas os re-inventam sob sua forma científica (...)”, e a serviço de uma ideologia.

Em dimensão similar, Fayol (1994, p. 26) aponta que “administrar é prever, organizar, comandar, coordenar e controlar”. O autor defendia que a Administração, por mais flexível a cada tipo de organização, é regida por

princípios, que nada mais são do que regras de comportamento. Fayol (1994) enunciou 14 Princípios Administrativos, pregando, sobretudo, a hierarquia e a unidade de controle; diferenciando-se de Taylor ao mostrar um olhar diferente sobre os trabalhadores, admitindo que eles tivessem outros interesses além do salário.

Segundo Motta (1986), neste período surge a distinção entre os que pensam e os que realizam o trabalho, característicos do modo de produção capitalista. A ética protestante, introduzida na Administração por Taylor e estudada por M. Weber (1864-1920) encaixa-se perfeitamente ao novo contexto econômico e industrial, favorecendo a consolidação do taylorismo, primeiramente nos Estados Unidos e depois se tornando o modo de produção mais empregado no mundo na primeira metade do século XX. O pensamento é então fundamentado na ideia de que a harmonia privilegiaria tanto os trabalhadores quanto os empregadores, sendo a ciência a grande responsável pelo fim do conflito industrial.

Taylor estudou o trabalho pesado, não qualificado, com a pá, trabalho de fundição e de pedreiro, daí sua preocupação com a fadiga muscular e seu desconhecimento da fadiga nervosa. Alia-se a uma visão negativa do homem, na qual os indivíduos nascem preguiçosos e ineficientes, infantilizados e com baixo

nível de compreensão. Com essa visão do homem, ele define o papel monocrático do administrador (Tragtenberg, 1971, p. 17).

Além disso, a separação entre direção e execução, juntamente com a ideia de unidade de comando, acentuação do formalismo na organização e a visão da administração como tendo os mesmos objetivos dos operários, definem o *ethos* burocrático taylorista, corroborado por Fayol (Tragtenberg, 1971). O sistema taylorista defende, sobretudo, uma maneira preconizada de desempenhar as tarefas nas organizações, com o discurso de que assim o trabalho fica mais coordenado e organizado. Isso porque as organizações dependiam muito da iniciativa do trabalhador, uma vez que a alta administração não conhecia o trabalho executado pelos operários, ficando a cargo destes definirem a forma de executar as tarefas (Taylor, 1995).

Na realidade, o taylorismo tem por função essencial passar, para a direção capitalista do processo de trabalho, os meios de se apropriar de todos os conhecimentos práticos, que, de fato, até então, eram monopolizados pelo operário (Motta, 1986, p. 62).

O taylorismo, portanto, não se constitui somente em um estudo técnico de tempos e movimentos, mas sim em um ideal formativo de personalidade humana, em suma, uma visão do mundo (Tragtenberg, 1971). Porém, fundamentada em um



período de busca constante pela acumulação de capitais, surgem os problemas relacionados às pessoas nas empresas, e com isso ganha espaço a Teoria das Relações Humanas, com E. Mayo (1880-1948) (Tragtenberg, 1971). Mayo centralizou seus estudos no relacionamento dos trabalhadores entre si, especialmente em relação ao impacto da satisfação não-econômica na produtividade.

Coordenada por Mayo, a Experiência de Hawthorne, na fábrica de Western Electric nos Estados Unidos, teve como objetivo detectar de que modo os fatores ambientais influenciavam a produtividade dos trabalhadores, representando o início dos estudos com ênfase no ser humano na Administração. Ao contrário dos fundamentos técnicos utilizados em pesquisas anteriores, estes remetem a um maior aprofundamento em assuntos sociais e subjetivos, como a influência psicológica na produção (Homans, 1975).

Segundo Tragtenberg (1971), os dilemas da sociedade industrial, assim como a inconsistências da Escola de Relações Humanas são criticadas pela Escola Estruturalista, que teve origem na Alemanha, com base nas teorias de Marx. A análise estruturalista focaliza as tensões e conflitos organizacionais. Neste período, também cresce a utilização da obra de Weber, que, ao focar nos indivíduos e não nas organizações, destacou-se pelas abordagens referentes à burocracia e poder (Motta, 1986). Estes conceitos de Weber são amplamente

utilizados nos estudos em Administração, muitas vezes por meio de ideias deturpadas aos objetivos organizacionais; como por exemplo, as disfunções da burocracia, trazidas por alguns autores, as quais são citadas como “modelos teóricos”, não seguindo, contudo, a lógica analítica de Weber.

Assim, como a obra de Taylor surge na Administração como a construção de um ideal formativo, a leitura da obra dos conceitos de Max Weber é alterada para reforçar o conjunto de conceitos que forma a base da Administração. Desta forma, o tipo ideal (Weber, 2004) considerado pelo autor como uma abstração teórica para análise das transformações da sociedade ao longo do tempo, é “traduzido” como modelo a ser seguido. Desta forma, a Burocracia, passa de uma proposta teórica abstrata, o tipo ideal de dominação racional legal, para um modelo de organização ideal, que deve ser perseguido para que esta obtenha máximo resultado. Ou seja, além da identificação de obras que contribuíam para reforçar o discurso emergente da gestão, houve uma transposição de conceitos de outras ciências sociais para acrescentar a formação do campo da Administração.

A crítica à Escola das Relações Humanas se contrapôs à suas premissas por considerá-las como manipulativas aos operários, tendo em vista somente os interesses da Administração. Para Tragtenberg (1971), Mayo não se diferencia de Taylor e Fayol, uma vez que subestimava o conflito, negava o peso dos fatores

econômicos e tinha a tendência a encarar as relações industriais como relações interindividuais, desconhecendo as tensões entre a personalidade e a estrutura da organização formal.

Para Mayo não existe conflito entre o indivíduo e a organização, e o consenso deve ser buscado. Ao defender a cooperação, o autor usa da persuasão, por meio da comunicação da administração para atingir os grupos informais dentro das organizações. Para tanto, utiliza-se de consultas e ferramentas de pseudo-participação, uma vez que a decisão burocrática é monocrática e só há um fluxo de comunicação (Tragtenberg, 1971).

Apesar disso, segundo Tragtenberg (1980), a Escola Clássica era ainda menos alienada, uma vez que considerava apenas o interesse financeiro dos trabalhadores e não sua moral. Para Flores (2006), esta Escola utiliza da autoridade para atingir a harmonia, assim como a Escola das Relações Humanas busca pelo domínio psicológico, utilizando-se de elementos da Psicologia Comportamental para fundamentar suas ações, e, de forma cínica, com um discurso de preocupação com o trabalhador.

Em relação à organização nas indústrias, enfatiza-se o papel da disciplina, além da presença forte da hierarquia, com isso, acentua-se o paralelismo com as

organizações militares, objeto de estudo de Weber. O uso de mapas e planos assemelha-se às estratégias de marketing, além do planejamento de transporte, a divisão do trabalho e o uso de uniformes, que podem ser comparados à mecanização que se dera antes na área militar e posteriormente na manufatura industrial (Tragtenberg, 1971), tudo isso pregado em prol de uma melhor organização nas empresas, caracterizando um discurso do profissionalismo aliado ao comprometimento. “Por influxo de um militar, Napoleão III, foi oferecida uma recompensa a quem inventasse um processo barato para o aço, capaz de suportar a força explosiva de novas bombas. Daí surgiu o processo Bessemer” (Tragtenberg, 1971, p. 18), ou seja, qualquer semelhança com os atuais ‘Programas de Ideias’ não é mera coincidência.

O engajamento e a participação dos trabalhadores nas organizações é fundamental, uma vez que sem estes o sistema capitalista não existiria, pelo menos não com tal força. Por isso, a questão da disciplina da força de trabalho e o controle dos trabalhadores ganha relevância nos estudos da Administração. Isso porque o trabalho assalariado também caracteriza o capitalismo, tanto que “Marx, assim como Weber, põe essa forma de organização do trabalho no centro da definição do capitalismo”. Dessa maneira, uma parte da população que não possui capital ou o tem em pequena quantidade extrai rendimentos da venda da

sua força de trabalho, uma vez que não dispõe de meios de produção, dependendo assim das decisões daqueles que os possuem (Boltanski & Chiapello, 2009, p. 37).

A Escola das Relações Humanas desponta principalmente devido à necessidade de se ter um ponto de união em que se combinam as exigências políticas e funcionais da empresa. Além disso, as descobertas de Mayo, de que a atitude do empregado perante seu trabalho e a natureza do grupo do qual ele participa afetam diretamente a sua produtividade (Tragtenberg, 1971), trouxeram benefícios às empresas e, por isso, ganharam importância dentre as teorias da Administração.

Mayo partiu da análise de pequenos grupos segmentados do conjunto fabril, este isolado da sociedade industrial, valorizando o papel do consenso do pequeno grupo para produzir mais, minimizando o papel da autoridade na indústria, o que leva o administrador da Escola de Relações Humanas a um "humanismo verbal" e à necessidade, às vezes, de recorrer à autoridade formal para satisfazer as quotas de produção exigidas (Tragtenberg, 1971, p. 19).

Entretanto, a cooperação dos trabalhadores reside na aceitação das diretrizes da administração, encobrindo as situações de conflito nas organizações, ou seja, segue-se numa linha clássica taylorista (Tragtenberg, 1971). Deste modo, a contenção direta de Taylor é substituída pela manipulação de Mayo (Motta, 1986).

Segundo Tragtenberg (1971), a Escola Estruturalista, na sua crítica à Escola de Relações Humanas, mostra que o conflito industrial não é um mal em si, cabendo manejá-lo construtivamente. Neste sentido, destaca-se também o papel de M. P. Follett (1868-1933), uma das introdutoras das ideias democráticas nas organizações (dar poder e responsabilidade aos trabalhadores) e do conceito de conflito construtivo, ou seja, de usar o conflito a favor da organização.

Negativamente, a Escola das Relações Humanas aparece como uma ideologia manipulatória que acentua a preferência do operário pelos grupos informais fora do trabalho, quando na realidade, o operário sonha com a maior satisfação: largar o trabalho e ir para casa. Valoriza este sistema símbolos baratos de prestígio, quando o trabalhador prefere a estes, melhor salário. Essa Escola procura acentuar a participação do operário no processo decisório, quando a decisão já é tomada de cima, a qual ele apenas reforça (Tragtenberg, 1971, p. 20).

Para Tragtenberg (1971), as categorias que formaram a base da Teoria Geral da Administração são históricas, pois respondem a necessidades específicas do sistema social capitalista. Na mesma direção, Pêcheux (2011b, p. 43) também afirma que “as ciências sociais consistem, em sua forma atual, na aplicação de

uma técnica a uma ideologia das relações sociais, o conjunto complexo em aplicação tendo por fim responder à demanda social”.

Assim, a ciência e, conseqüentemente, o ensino em Administração foi elaborado para que o administrador fosse capaz de manejar técnicas destinadas a obter o máximo de rendimento dos recursos, sejam eles materiais ou humanos (Bicalho & Paes de Paula, 2012). Por isso, segundo estas autoras, a ideologia da Administração é incutida no sujeito, uma vez que impõe a ele a necessidade de se adaptar ao mundo administrado e competitivo, buscando se enquadrar ao modelo estabelecido sócio-historicamente, a fim de evitar a exclusão do mercado de trabalho.

Há pelo menos duas modalidades usadas pelas organizações para persuadir o sujeito à ideologia gerencialista por meio da afetividade. Pela fascinação e pela sedução, as organizações impõem sutilmente sua cultura, dominando o inconsciente do indivíduo, minimizando seu desejo de liberdade e "deixando pouca margem tanto para o pensamento como para a postura/ação crítica dentro e fora da empresa" (Siqueira, 2009, p. 83).

A seqüência de teorias que formam a base discutida na área de Administração (Behaviorismo, Sistemas, Contingencial entre outras) seguem na mesma direção,



buscando incorporar conceitos desenvolvidos em outras áreas de conhecimento para explicar as organizações e justificar práticas focadas na busca por resultados. Como destacam Ituassu e Tonelli (2014), este processo de difusão de um sentido de sucesso em sintonia com a lógica da economia de mercado e com os valores da excelência e do empreendedorismo são cada vez mais tidos como características necessárias ao indivíduo no mundo corporativo.

Assim, a constituição do discurso da Administração como ciência se dá nos moldes do que Pêcheux (2011a) chamou de interdiscurso, ou seja, utilizando-se como base uma formação discursiva dada, importada (“meta-forizada”) aos seus interesses; conforme observado nos estudos de Taylor (apropriação de “métodos científicos” em prol da produtividade), de Weber (distorções dos conceitos originais do autor, não desenvolvidos para as organizações), da Psicologia Comportamental (utilização de teorias *behavioristas* na Escola das Relações Humanas), entre outros conceitos apropriados pela Administração com foco em sua ideologia capitalista, disfarçada de “filosofia do *management*”.

Outra característica da “ciência” da Administração é que se trata de uma área do conhecimento de caráter geográfico, uma vez que ela se constitui especialmente nos Estados Unidos e, com isso, traz consigo, um modo imperialista na sua formação discursiva. Como se as técnicas lá desenvolvidas e utilizadas fossem as

mais corretas, o único e melhor caminho (*"the best way"*, nas palavras de Taylor) de administrar.

## REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DA CIÊNCIA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO

A Administração, como uma ciência social aplicada, para se constituir em um corpo teórico e limitado em seu alcance epistemológico, teve que ser sustentada por uma ciência (convenientemente) ingênua e também ideológica (Flores, 2006). A teoria geral da administração é, portanto, ideológica, pois traz em si a ambiguidade deste processo, vinculando-se às determinações sociais reais, enquanto técnica (de trabalho industrial, administrativo, comercial), e afasta-se dessas determinações sociais reais, compondo-se em um universo sistemático, organizado, refletindo deformadamente o real, enquanto ideologia (Tragtenberg, 1971).

Além disso, para o mesmo autor, seu conjunto de teorias é dinâmico, mudando com as formações socioeconômicas, logicamente a serviço dos interesses de determinados setores da sociedade que possuem o poder político e econômico. Desta forma, o discurso da gestão voltado para o resultado é constantemente renovado por meio de conceitos e teorias que buscam dar novo lastro na construção ideológica. É o caso da valorização do empreendedorismo que surge



nos últimos anos, como um novo discurso do sucesso e da produtividade, ligados diretamente ao consumo e à ascensão social.

Dentre as premissas gerais para a emergência do capitalismo está a contabilidade racional – como norma para as necessidades diárias das empresas sejam satisfeitas –, além da estrutura da propriedade privada dos meios de produção, da técnica, do direito, da estrutura administrativa da burocracia e do *ethos*, reforçado pelo trabalho e esforço contínuos (Tragtenberg, 1971). Dessa maneira, assim como os capitalistas se veem presos ao processo infindável de reinvestimento de seu capital, de busca pelo lucro para satisfação das suas necessidades de consumo, os assalariados também estão envolvidos da acumulação capitalista, que ocorre para ambos, mesmo que em graus desiguais. Necessita-se, assim, de certa dose de empenho destes atores, que pressupõe cada vez mais uma adesão ativa, iniciativas e sacrifícios livremente assumidos por estas pessoas, que mesmo desempenhando diferentes papéis, movem e alimentam este sistema (Boltanski & Chiapello, 2009).

Para isso, existem argumentos alegáveis a este esforço não só para convencê-los da sua participação, como também para enaltecer as vantagens coletivas que ele proporciona e, segundo Boltanski e Chiapello (2009), esta ideologia, que justifica o engajamento no capitalismo, nada mais é do que o “espírito do capitalismo”,



corroborada nos estudos em Administração. E, ainda que o capitalismo esteja passando por uma crise, principalmente devido ao ceticismo e à perplexidade social crescente, este sistema supõe a formação de um conjunto ideológico mobilizador, pelo menos nos países considerados mais desenvolvidos, nos quais se busca manter a sua posição de centro e assim se justifica. O capitalismo, entretanto, precisa “alimentar” as pessoas com certas garantias – não só de sobrevivência, mas de segurança para viver, formar família, ter filhos etc. – e por isso é um elemento fundamental “na mobilização ideológica mundial de todas as forças produtivas” (Boltanski & Chiapello, 2009, p. 39).

Estes conteúdos ideológicos, por sua vez, existem em continuidade com as práticas técnica e política, o segredo que cerca a ideologia tem, portanto, alguma coisa a ver com as próprias práticas, em seu desenvolvimento próprio e em suas relações recíprocas. Com isso, ainda segundo Pêcheux (2011a, p. 29), necessitamos interrogar estas práticas técnica e política, para que tenhamos subsídios para tratar dos problemas das ciências sociais, dentre elas, a Administração, uma vez que a ideologia se configura como um “subproduto da prática técnica (matéria-prima sobre a qual ela se aplica; instrumentos que ela utiliza; produto técnico obtido); [e] a prática técnica demanda da prática social”.

Dentro deste contexto, observa-se que o sistema capitalista precisa de aliados ao engajamento na sua ordem, uma vez que este “sobrevive” a partir do empenho de seus atores, que se movem devido à crença em uma ideologia. Além disso, como lembra Motta (1984, p. 24) “a análise de qualquer instituição que não passe pelo nível ideológico é sempre incompleta, porque se limita ao imediatamente visível, quando geralmente o importante está naquilo que permanece oculto”.

As Ciências Sociais, para Pêcheux (2011b), não são simplesmente técnica, tampouco somente ideologia, mas uma inter-determinação de uma técnica e de uma ideologia concernente às relações sociais. Conclui-se, deste modo, que a constituição da Administração como ciência é sim ideológica, mas não só por ser suscetível a diferentes interpretações, ainda que em se tratando de um mesmo objeto, mas também pela insistência de esconder o sentido que fundamenta seu discurso; ademais, as teorias ditas contrárias a ordem capitalista dominante não ganham devido espaço e legitimidade neste campo. Por isso, uma análise do discurso da Administração é não apenas intrigante, mas também necessária, para que se possa analisar devidamente o papel político e social desta ciência ideológica.

Este ensaio teve por objetivo fazer uma reflexão sobre a formação da área de Administração com ciência ideológica e os discursos que são construídos em torno



desta construção. A discussão introduzida está longe de se esgotar, até porque a análise centrou-se apenas nas primeiras obras da área de Administração, que hoje, apesar de manterem-se ligadas à matriz ideológica deste campo de conhecimento, são consideradas superadas dentro do quadro teórico da área, onde predominam o funcionalismo sistêmico. Assim, esse debate pode ser ampliado para os autores e trabalhos posteriores (Woodward, 1968; Burns & Stalker, 1968; Lawrence & Lorsch, 1973, por exemplo) bem como para analisar quadros teóricos de temas específicos tais como estratégia, comportamento do consumidor, carreira, competências, aprendizagem organizacional, modelos de produção, entre outros tantos.

## REFERÊNCIAS

Bachelard, G. (1976). *Filosofia do novo espírito científico: a filosofia do não* (2a ed.). Lisboa: Presença.

Bicalho, R. A. & Paes de Paula, A. P. (2012). Empresa júnior e a reprodução da ideologia da Administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 10(4), 894-910.

Boltanski, L. & Chiapello, È. (2009). *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes. [1999]



Burns, T. & Stalker, G. M. (1968). *The management of innovation*. London: Tavistock Publications.

Descartes, R. (2000). *Discurso do método*. São Paulo: Nova Cultural. [1637]

Fayol, H. (1994). *Administração industrial e geral*. São Paulo: Atlas. [1916]

Flores, R. K. (2006). Acerto de contas com a Administração: uma reflexão a partir de Tragtenberg, Motta e Guerreiro Ramos. In: *Anais do Encontro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, IV.

Guerreiro Ramos, A. (1996). *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: UFRJ. [1965]

Guerreiro Ramos, A. (1983). *Administração e contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da administração* (2a ed.). Rio de Janeiro: FGV.

Guerreiro Ramos, A. (1981). *A nova ciência das organizações – uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: FGV.

Homans, G. (1975). As pesquisas na Western Electric. In: Y. Balcão & L. Cordeiro (Orgs.). *O comportamento humano da pessoa* (pp. 5-43). Rio de Janeiro: FGV.



REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA  
À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL PECHEUX

Ituassu, C. T. & Tonelli, M. J. (2014). Sucesso, mídia de negócios e a cultura do management no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(1), 86-111.

Lawrence, P. R. & Lorsch, J. W. (1973). *As empresas e o ambiente*. Petrópolis: Vozes. [1967]

Mannheim, K. (1967). O problema de uma sociologia do conhecimento. In: K. Mannheim, R. K. Merton, & C. Wright Mills. *Sociologia do conhecimento* (pp. 10-115). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. [1964]

Mannheim, K. (1986). *Ideologia e utopia* (4a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara. [1929]

Motta, F. C. P. (1986). *Teoria das organizações: evolução e crítica*. São Paulo: Pioneira.

Motta, F. C. P. (1984). As empresas e a transmissão da ideologia. *Revista de Administração de Empresas*, 24(3), 19-24.

Pêcheux, M. (Thomas Herbert). (2011a). Metáfora e interdiscurso. In: E. Orlandi (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux* (pp. 151-161) (3a ed.). Campinas: Pontes. [1984]

Pêcheux, M. (Thomas Herbert). (2011b). Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: E. Orlandi (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux* (pp. 21-54) (3a ed.). Campinas: Pontes. [1966].

Pêcheux, M. (Thomas Herbert). (1995). Observações para uma teoria geral das ideologias. *Revista Rua, 1*, 63-89. [1967]

Santos, B. S. (2003). *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez.

Silva, R. (2009). Linguagem e ideologia: embates teóricos. *Linguagem em (Dis)curso, 9*(1), 157-180.

Siqueira, M. V. S. (2009). *Gestão de pessoas e discurso organizacional*. Curitiba: Juruá.

Taylor, F. W. (1995). *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas. [1911]

Tragtenberg, M. (1980). *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática. [1974]

Tragtenberg, M. (1971). A Teoria Geral da Administração é uma ideologia? *Revista de Administração de Empresas, 11*(4), 7-21.

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO COMO CIÊNCIA  
À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL PECHEUX

Woodward, J. (1968). *Industrial organization: theory and practice*. Oxford: Oxford University Press.

Weber, M. (2004). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UnB. [1922]

Weber, M. (1991). *Sobre a teoria das ciências sociais*. São Paulo: Moraes.

Zizek, S. (1999). O espectro da ideologia. In: S. Zizek. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. [1994]

# Reflexões sobre a constituição da Administração como ciência à luz das contribuições de Michel Pêcheux

## Resumo

A Administração é uma ciência, no sentido de campo do conhecimento, genuinamente ideológica. A partir disso, apresentamos este ensaio com base em Pêcheux a respeito da Ideologia, sobretudo da sua análise da situação teórica das ciências sociais. Discutimos acerca do início dos estudos em Administração e de suas principais bases "teóricas", além do cenário que permitiu o seu desenvolvimento. Analisamos ainda a constituição desta como área de conhecimento, que surge e ganha espaço para que o administrador seja capaz de manejar técnicas destinadas a obter o máximo de rendimento dos recursos, evidenciando-se como uma criação que visa atender a uma demanda própria do desenvolvimento do capitalismo. Espera-se que estas reflexões sirvam para instigar os pesquisadores a fazerem reflexões sobre o objeto de seu interesse quando se lançam às pesquisas a respeito de uma influência da ideologia na sua concepção, bem como para analisar quadros teóricos dos temas desta área.

## Palavras-chave

Administração; Ideologia; Ciências Sociais.



## Reflections on the establishment of Management Science as the light of contributions of Pêcheux

### Abstract

Management is a science, to the field of knowledge, genuinely ideological. From this, we present this essay based on Pêcheux about ideology, especially on his analysis of the theoretical situation of the social sciences. We discussed about the initiation of studies in management and its main bases "theoretical", beyond the stage for its development. Also analyzed the constitution of this as an area of knowledge that emerges and gains space so that the manager is able to manage techniques to obtain the maximum yield of resources, demonstrating how a creation that aims to meet its own capitalism development demand. It is hoped that these discussions serve to instigate researchers to reflect on the object of interest when starting to research about an influence of ideology in its design, as well as to analyze theoretical frameworks of the themes of this area.

### Keywords

Administration; Ideology; Social Science.

# Reflexiones en la constitución de la Administración como ciencia a la luz de las contribuciones de Pêcheux

## Resumen

La administración es una ciencia, en el campo del conocimiento, genuinamente ideológica. De esto, presentamos este ensayo basado en Pêcheux de ideología, especialmente en su análisis de la situación teórica de las ciencias sociales. Discutimos sobre el inicio de los estudios en la gestión y sus principales bases "teóricas", más allá de la etapa de su desarrollo. También analizaron la constitución de este como un área de conocimiento que emerge y gana espacio para que el administrador es capaz de gestionar las técnicas para obtener el máximo rendimiento de los recursos, lo que demuestra cómo una creación que tiene como objetivo satisfacer su propia demanda el desarrollo capitalismo. Se espera que estos debates sirven para instigar a los investigadores a hacer reflexiones sobre el objeto de interés al comenzar a investigar sobre la influencia de la ideología en su diseño, así como para analizar los marcos teóricos de los temas de esta área.

## Palabras clave

Administración; Ideología; Ciencias Sociales.



## Autoria

Betina Magalhães Bitencourt

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/4236691718191589>. <https://orcid.org/0000-0002-6830-8429>. E-

mail: [betina.mb@gmail.com](mailto:betina.mb@gmail.com).

Sidinei Rocha de Oliveira

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/6915992511951986>. <https://orcid.org/0000-0001-9139-2684>. E-

mail: [sroliveira@ea.ufrgs.br](mailto:sroliveira@ea.ufrgs.br).

## Endereço para correspondência

Betina Magalhães Bitencourt. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul,

Unidade Caxias do Sul. Avenida Júlio de Castilhos, 3947, Cinquentenário, Caxias do

Sul, RS, Brasil. CEP: 95010005. Telefone: (+55 54) 32257486.

## Como citar esta contribuição

Bitencourt, B. M. & Rocha de Oliveira, S. (2017). Reflexões sobre a constituição da Administração como ciência à luz das contribuições de Michel Pêcheux. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1438-1477.

*Contribuição Submetida em 10 fev 2015. Aprovada em 28 mar 2017. Publicada online em 27 dez. 2017. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 4 | N. 11 | DEZEMBRO | 2017 | ISSN: 2358-6311